ABORDAGEM PEDAGÓGICA NAS EXPERIÊNCIAS DAS CRIANÇAS COM A NATUREZA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ADRIANA MACHI BELLINI

RESUMO
Este artigo tem como objetivo discutir as abordagens pedagógicas utilizadas nas instituições de Educação Infantil que apresentam a natureza para as crianças, problematizando práticas baseadas na representação e defendendo a imersão e a experiência direta como eixo central das aprendizagens infantis. Pretende-se compreender de que modo essas práticas contribuem para a construção de valores, atitudes e saberes que reforcem os vínculos afetivos com o meio natural. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, de natureza teórico-bibliográfica, fundamentado em autores da pedagogia da infância e da educação ambiental, com destaque para Tiriba, Barbosa e Louv, além de documentos oficiais que orientam as práticas pedagógicas.
PALAVRAS-CHAVE: natureza; experiência; brincar; Educação Infantil.

ABSTRACT
This article aims to discuss the pedagogical approaches used in early childhood education institutions that introduce nature to children, problematizing practices based on representation and advocating immersion and direct experience as the central axis of children's learning. It intends to understand how these practices contribute to the construction of values, attitudes, and knowledge that reinforce affective bonds with the natural environment. This is a qualitative, theoretical-bibliographical study, based on authors in early childhood pedagogy and environmental education, particularly Tiriba, Barbosa, and Louv, as well as official documents that guide pedagogical practices.

KEY-WORDS: nature; experience; play; early childhood education.

1. INTRODUÇÃO

Na atualidade brasileira, as crianças estão perdendo, de forma progressiva, o contato com a natureza. A rua já não se configura como um espaço seguro de convivência e a arquitetura das cidades, marcada pelo predomínio do concreto e do asfalto, prioriza construções, prédios, apartamentos, ruas e avenidas, restringindo as possibilidades de brincar ao ar livre. Esse cenário urbano dificulta experiências fundamentais da infância, como brincar na chuva, explorar jardins, sentir o vento, subir em árvores, observar insetos, perceber o sol e vivenciar o tempo noturno. Além disso, muitos adultos, frequentemente sem plena consciência dos impactos de suas escolhas, oferecem às crianças o uso excessivo de telas, reduzindo as oportunidades de experiências corporais, imaginativas e criativas. Tal substituição empobrece o repertório vivencial das crianças, uma vez que limita o movimento, o brincar espontâneo e a relação sensível com o ambiente, dimensões amplamente potencializadas pela conexão direta e contínua com a natureza.

Tiriba (2010) destaca que as instituições de educação infantil constituem espaços privilegiados de aprendizagem, nos quais as crianças vivenciam suas primeiras experiências e percepções sobre o mundo, o que torna indispensável a presença da dimensão ambiental nesses contextos. Nessa perspectiva, as práticas pedagógicas desenvolvidas na Educação Infantil constituem oportunidades fundamentais para a relação das crianças com a natureza, seja por meio de atividades de exploração de espaços verdes, do cultivo de hortas, do cuidado com animais ou de brincadeiras que envolvem elementos naturais. Assim, “diante de uma cultura que silencia a unidade e valoriza a dicotomia, é preciso afirmar, desde cedo, a importância da Educação Ambiental como processo que religa ser humano e natureza, razão e emoção, corpo e mente, conhecimento e vida” (Tiriba, 2010, p.2).

Diante desse cenário, este estudo busca identificar, por meio da pesquisa bibliográfica, práticas pedagógicas na Educação Infantil que se relacionem com a conexão com a natureza desde a primeira infância, com o objetivo de compreender de que modo essas práticas contribuem para o desenvolvimento integral das crianças, promovendo a construção de valores, atitudes e saberes que reforcem os vínculos afetivos com o meio natural.

O contato direto e cotidiano com a natureza possibilita às crianças aprendizagens que

não se dão pela via da representação ou da transmissão de informações, mas pela experiência vivida. Ao explorar ambientes naturais, as crianças ampliam sua curiosidade investigativa, desenvolvem a atenção, a imaginação e o pensamento criativo, além de construírem noções espaciais, temporais e científicas relacionadas aos ciclos da vida, às transformações da matéria e às relações entre os seres vivos. Tais aprendizagens acontecem de forma integrada ao brincar, ao movimento e às interações, respeitando os modos próprios de aprender na infância.
Além disso, a natureza favorece aprendizagens corporais e sensoriais fundamentais na Educação Infantil. Tocar a terra, sentir diferentes texturas, observar cores, ouvir sons, perceber cheiros e explorar desníveis e desafios do ambiente contribui para o desenvolvimento da coordenação motora, do equilíbrio, da percepção sensorial e da consciência corporal. Essas experiências fortalecem a relação da criança com o próprio corpo e com o espaço, ampliando suas possibilidades de ação e expressão.
No campo socioemocional, o contato com a natureza contribui para a construção de vínculos afetivos, para o desenvolvimento da empatia, do cuidado e do respeito à vida. Conforme destaca Tiriba (2018), é na experiência concreta e sensível que se constrói o sentimento de pertencimento ao mundo natural, condição essencial para o desenvolvimento de atitudes de cuidado e responsabilidade socioambiental. Assim, conhecer a natureza torna-se indissociável de aprender a cuidar dela.
Historicamente, entretanto, a organização dos espaços educativos esteve, em muitos contextos, marcada por ambientes fechados, artificializados e por abordagens pedagógicas que priorizam materiais didáticos, imagens, livros e representações sobre a natureza, em detrimento da vivência direta. Na pré-escola, essa lógica tem incentivado, muitas vezes, a aquisição de um conhecimento distanciado da natureza, construído majoritariamente entre quatro paredes, no qual o mundo natural é apresentado como objeto externo, observado e explicado, mas pouco vivido pelas crianças. Embora esses recursos possam ampliar repertórios, eles não substituem a experiência concreta e sensorial das crianças em ambientes naturais. Como alerta Louv (2016), o afastamento das crianças da natureza empobrece suas experiências e impacta negativamente seu bem-estar, sua atenção e sua relação com o mundo.
Nesse sentido, compreender a natureza como espaço educativo implica reconhecer que aprender não se restringe aos ambientes internos da sala, mas se expande para quintais, jardins, parques, pátios e demais espaços onde a vida acontece. Barbosa (2006) contribui ao afirmar que o cotidiano educativo deve ser entendido como um espaço vivo, no qual as experiências ganham sentido a partir das interações e das escolhas pedagógicas. Assim, a natureza deixa de ser apenas um tema ou conteúdo e passa a constituir-se como contexto e experiência formativa.
Conforme orientam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, as práticas pedagógicas devem garantir experiências que promovam o conhecimento de si, do outro e do mundo, tendo as interações e as brincadeiras como eixos estruturantes (BRASIL, 2009). Nesse horizonte, este artigo tem como objetivo discutir as abordagens pedagógicas nas experiências das crianças com a natureza na Educação Infantil, problematizando práticas baseadas na mediação indireta e destacando a potência educativa da imersão, da experiência e do vínculo afetivo com o mundo natural.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. Metodologia

O presente artigo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza teórico-bibliográfica, com abordagem descritiva e interpretativa. A opção por esse tipo de investigação justifica-se pelo objetivo de aprofundar a compreensão sobre as abordagens pedagógicas relacionadas às experiências das crianças com a natureza na Educação Infantil, considerando seus fundamentos teóricos, conceituais e pedagógicos.
A pesquisa bibliográfica foi realizada a partir do levantamento, seleção e análise de obras clássicas e contemporâneas que discutem a infância, o cotidiano educativo, o brincar, a educação ambiental e a relação entre crianças e natureza. No que se refere ao referencial teórico, o estudo apoia-se, principalmente, nas contribuições de Léa Tiriba, Maria Carmen Silveira Barbosa e Richard Louv. Esses autores foram escolhidos por dialogarem diretamente com a temática da pesquisa e por defenderem a experiência, a imersão e o vínculo afetivo com a natureza como elementos centrais no desenvolvimento infantil. As obras desses autores permitiram

problematizar o distanciamento progressivo das crianças do mundo natural e refetir sobre o papel da escola como espaço de reconexão e resistência a esse afastamento.
O procedimento metodológico envolveu leituras exploratórias, analíticas e interpretativas. Inicialmente, realizou-se uma leitura exploratória com o objetivo de mapear os principais conceitos, categorias e argumentos relacionados ao tema. Em seguida, procedeu-se à leitura analítica, buscando identifcar convergências, tensões e complementações entre os autores selecionados. Por fm, a leitura interpretativa possibilitou a articulação dos referenciais teóricos com o objetivo do estudo, organizando a discussão em eixos que estruturam o desenvolvimento do artigo.
A análise do material bibliográfco não se deu de forma fragmentada, mas articulada à compreensão do cotidiano da Educação Infantil como espaço vivo de experiências, conforme propõe Barbosa (2009). Dessa forma, os conceitos de experiência, imersão, cotidiano, vínculo afetivo e pertencimento foram tomados como categorias analíticas, orientando a construção do texto e a interpretação das práticas pedagógicas discutidas.
Por tratar-se de uma pesquisa de natureza teórica, não houve envolvimento direto de sujeitos ou aplicação de instrumentos de coleta de dados empíricos. Ainda assim, o estudo mantém estreita relação com a prática pedagógica, uma vez que as refexões apresentadas dialogam com situações recorrentes no cotidiano das instituições de Educação Infantil. Assim, a metodologia adotada permitiu construir uma análise fundamentada, coerente e alinhada aos objetivos do artigo, contribuindo para o debate sobre a centralidade da natureza nas experiências educativas da primeira infância.

2.2. Discussão Teórica

Criança, urbanização e distanciamento da natureza na contemporaneidade

Na atualidade brasileira, o processo de urbanização acelerada tem produzido impactos profundos sobre as formas de viver a infância. As cidades, organizadas prioritariamente para o trânsito de veículos, para o consumo e para a verticalização das moradias, oferecem cada vez menos espaços destinados à convivência, à brincadeira e ao contato com a natureza. Ruas, praças e quintais — historicamente reconhecidos como territórios da infância — vêm sendo substituídos por ambientes fechados, controlados e artifcializados, restringindo as possibilidades de experiências corporais, sensoriais e exploratórias das crianças.
Esse cenário contribui para que a infância seja vivida, em grande medida, entre quatro paredes, afastando as crianças do contato direto com o mundo natural. Tiriba (2018) afrma que essa separação entre infância e natureza empobrece as experiências infantis e fragiliza a construção de vínculos com a vida, uma vez que a relação com o ambiente natural é constitutiva do desenvolvimento humano. Para a autora, a natureza não deve ser compreendida apenas como objeto de estudo, mas como espaço de pertencimento, experiência e formação ética.
Richard Louv (2016) aprofunda essa discussão ao analisar os efeitos do afastamento das crianças da natureza, fenômeno que denomina de “transtorno de défcit de natureza”. Segundo o autor, a redução do tempo ao ar livre e o aumento da permanência em ambientes fechados e diante de telas impactam negativamente a saúde física, emocional e social das crianças, limitando oportunidades de movimento, imaginação e exploração sensorial:
À medida que as crianças se afastam da natureza, diminuem as oportunidades de usar plenamente os sentidos, de explorar o mundo com o corpo inteiro e de estabelecer conexões profundas com o ambiente” (LOUV, 2016, p. 34).
Além da confguração urbana, o uso excessivo de tecnologias digitais no cotidiano infantil intensifca esse distanciamento. Muitas vezes oferecidas como forma de entretenimento ou segurança, as telas substituem experiências corporais e relacionais por interações mediadas, rápidas e fragmentadas. Barbosa (2006) alerta que o cotidiano educativo não é neutro: ele educa, forma e produz sentidos a partir das escolhas que os adultos fazem em relação aos tempos, espaços e experiências oferecidas às crianças.

Práticas pedagógicas e a mediação indireta da natureza

Esse afastamento da natureza também se refete nas práticas pedagógicas da Educação Infantil. Em muitos contextos, a natureza é apresentada às crianças por meio de livros, imagens, vídeos, atividades impressas e propostas pontuais, como visitas esporádi-

cas a parques ou espaços externos. Embora esses recursos possam ampliar repertórios simbólicos, eles tendem a produzir um conhecimento distanciado, no qual a natureza aparece como algo a ser observado, explicado ou representado, e não vivido.
Barbosa (2006) problematiza práticas educativas fragmentadas, que desconsideram o cotidiano como espaço contínuo de experiências. Para a autora, a aprendizagem na Educação Infantil acontece quando as experiências se inscrevem na vida das crianças, em processos marcados pela repetição significativa, pela exploração e pelas interações. Quando a natureza é reduzida a tema ou conteúdo, perde-se sua potência educativa enquanto experiência formadora.
Tiriba (2018) reforça essa crítica ao afirmar que o amor, o respeito e o cuidado com a natureza não se constroem por meio de discursos teóricos ou informações descontextualizadas, mas a partir da vivência sensível e corporal. Segundo a autora:
Não se cuida daquilo que não se conhece, e não se ama aquilo com que não se estabelece vínculo. É na experiência vivida que se constroem as bases éticas do cuidado" (TIRIBA, 2018, p. 88).
Assim, práticas pedagógicas baseadas exclusivamente na mediação indireta da natureza tendem a limitar a construção de vínculos afetivos, fundamentais para a educação ambiental desde a infância.

A imersão na natureza como experiência formadora

Em contraponto às abordagens mediadas, a imersão das crianças em ambientes naturais configura-se como um eixo central para aprendizagens significativas na Educação Infantil. Estar na natureza implica envolver o corpo inteiro: tocar a terra, sentir o vento, observar insetos, ouvir sons, perceber cheiros, brincar com a água, com a chuva, com o sol e com o tempo noturno. Essas experiências possibilitam aprendizagens que integram corpo, emoção, razão e imaginação.
Louv (2016) destaca que o contato regular com a natureza favorece o equilíbrio emocional, a atenção, a criatividade e o bem-estar das crianças. Já Tiriba (2018) compreende a experiência na natureza como uma vivência que ultrapassa o campo cognitivo, alcançando dimensões éticas, afetivas e até espirituais, nas quais a criança se reconhece como parte do universo natural, e não como alguém separado dele.
Ao vivenciar a natureza de forma contínua, as crianças constroem sentidos sobre o mundo, desenvolvem vínculos afetivos e aprendem modos de estar na vida. Trata-se de uma aprendizagem que não se reduz à aquisição de conceitos, mas que envolve sentimentos, valores e atitudes, fundamentais para a formação de sujeitos sensíveis, críticos e comprometidos com o cuidado do planeta.
Dessa forma, pensar a Educação Infantil a partir da experiência direta com a natureza implica reconhecer que a escola pode — e deve — constituir-se como espaço de resistência ao empobrecimento da infância, garantindo às crianças o direito de viver experiências corporais, sensoriais e afetivas em relação com o mundo natural.

O papel da Educação Infantil na reaproximação entre criança e natureza

Diante do cenário de urbanização intensa, do uso excessivo de tecnologias digitais e do consequente distanciamento das crianças da natureza, a Educação Infantil assume um papel fundamental na reaproximação entre infância e mundo natural. Para muitas crianças, especialmente aquelas que vivem em contextos urbanos densos, a escola torna-se um dos poucos espaços possíveis de contato cotidiano com elementos naturais, como terra, plantas, água, sol e animais.
Nesse contexto, o papel do(a) professor(a) vai além de planejar atividades pontuais ou projetos temáticos sobre a natureza. Trata-se de uma intencionalidade pedagógica que reconhece o ambiente — interno e externo — como educador, capaz de provocar curiosidade, investigação, brincadeira e experiências sensoriais. Organizar tempos, espaços e materiais que favoreçam o contato direto com a natureza implica assumir uma postura ética e política em defesa do direito das crianças a viverem experiências integrais, conforme preconiza a Educação Infantil.
Barbosa (2006) destaca que o cotidiano é um potente espaço formativo, no qual pequenas escolhas — como permitir brincar na terra, observar o céu, cuidar de plantas ou explorar o pátio em diferentes condições climáticas — produzem aprendizagens profundas e duradouras. Essas experiências, quando vividas de forma contínua, favorecem a construção de vínculos afetivos com o ambiente natural e ampliam as possibilidades de interação, exploração e expressão

das crianças.
Tiriba (2018) reforça que a presença da natureza na escola não deve ser compreendida como recurso didático acessório, mas como dimensão constitutiva do projeto pedagógico. Ao garantir experiências diretas com a natureza, a escola contribui para a formação de sujeitos que se reconhecem como parte do mundo vivo, desenvolvendo atitudes de cuidado, respeito e responsabilidade socioambiental desde a infância.
Assim, ao assumir intencionalmente a natureza como parte do cotidiano educativo, a Educação Infantil afirma-se como espaço de resistência às lógicas de empobrecimento da infância, promovendo práticas pedagógicas que integram corpo, sensibilidade, pensamento e ética, e que reconhecem as crianças como sujeitos de direitos, capazes de produzir sentidos e aprendizagens a partir de suas experiências no mundo.

CONCLUSÃO

O presente estudo evidenciou que a relação entre crianças e natureza, na contemporaneidade, encontra-se fragilizada por processos sociais, urbanos e culturais que afastam a infância das experiências diretas com o mundo natural. A organização das cidades, marcada pelo predomínio do concreto, pela redução dos espaços públicos de convivência e pela intensificação do uso de tecnologias digitais, tem limitado as possibilidades de brincar, explorar e experimentar a natureza de forma livre e cotidiana. Esse cenário impacta profundamente o desenvolvimento infantil, empobrecendo experiências corporais, sensoriais, emocionais e simbólicas fundamentais à infância.
No âmbito da Educação Infantil, observou-se que muitas práticas pedagógicas ainda apresentam a natureza de maneira mediada e distanciada, por meio de livros, imagens, atividades dirigidas e abordagens pontuais. Embora tais recursos tenham valor pedagógico, eles se mostram insuficientes quando não articulados a experiências concretas e contínuas. Conforme discutido ao longo do artigo, conhecer a natureza apenas de forma representacional não garante a construção de vínculos afetivos, tampouco o desenvolvimento de valores relacionados ao cuidado e ao pertencimento.
A partir do diálogo com Tiriba, Louv e Barbosa, compreende-se que a aprendizagem das crianças ocorre de maneira integral quando envolve o corpo inteiro, as emoções, os sentidos, a imaginação e as relações. Tiriba (2018) reforça que o cuidado com a natureza nasce do vínculo e da experiência vivida; Louv (2016) evidencia os prejuízos do afastamento do ambiente natural para o desenvolvimento infantil; e Barbosa (2006) contribui ao afirmar que o cotidiano, os tempos e os espaços educativos são, em si, produtores de aprendizagens e sentidos. Esses aportes teóricos sustentam a defesa de práticas pedagógicas que priorizem a imersão das crianças na natureza como eixo estruturante da Educação Infantil.
Dessa forma, conclui-se que a escola de Educação Infantil pode assumir um papel fundamental na reconexão das crianças com a natureza, constituindo-se como espaço de resistência ao empobrecimento das experiências infantis. Ao garantir tempos, espaços e propostas que favoreçam o contato direto com o ambiente natural, a escola promove aprendizagens que ultrapassam o campo cognitivo, contribuindo para a formação de sujeitos sensíveis, críticos e comprometidos com a vida em sua totalidade. Educar na e com a natureza, desde a primeira infância, revela-se, assim, um caminho potente para a construção de uma educação que valoriza o corpo, o afeto, a experiência e o cuidado com o mundo do qual somos parte.

Referências

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Por amor e por força: rotinas na Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006.
BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Cotidiano na Educação Infantil: espaços, tempos e relações. Porto Alegre: Artmed, 2009.
BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC, 2009.
BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil. Brasília: MEC, 2017.
LOUV, Richard. A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza. São Paulo: Aquariana, 2016.
TIRIBA, Léa. Educação Infantil como direito e alegria. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
TIRIBA, Léa. Crianças, natureza e educação infantil: reflexões para uma pedagogia da vida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.